

Eleições mostram um PT forte e o PMDB acabado

O primeiro turno da eleição presidencial revela o PT como o grande partido consolidado a nível nacional e expõe os frangalhos do PMDB, que não conseguirá se recompor para entrar unido na segunda e decisiva votação dentro de 30 dias, mas é daqui a 320 dias, quando os eleitores voltarem às urnas estaduais para eleger governadores, senadores e deputados que o **petismo** estará desafiado a confirmar-se como o novo grande partido.

A diferença entre a eleição presidencial e a estadual é que a primeira é solteira e poupa o PT de problemas na administração de divergências regionais e ideológicas internas: é fácil para o partido somar todas as suas forças na eleição de Lula, seu líder nacional máximo. Na eleição casada de governadores e parlamentares, enfrenta uma concorrência maior dos outros partidos e problemas internos locais.

“O PT é o último partido com marca de frente”, analisava ontem o prefeito de Goiânia, Nion Albernaz, que colaborou no

primeiro turno com o candidato Mário Covas (PSDB-SP), impedido de apoiar no seu PMDB o nome de Ulysses Guimarães, por causa do veto à presença do ministro Íris Rezende na campanha peemedebista.

Referia-se o prefeito às facções ideológicas internas do **petismo** que se uniram pela eleição de Lula numa votação solteira, mas sujeitos ainda a novos desafios eleitorais pela frente, mais complexos e com interesses mais variados. Numa advertência, Nion lembra que o PMDB, antes do novo PT que emerge do primeiro turno, era o último grande partido com característica de frente e que, agora, esboroa-se.

A liquidação do PMDB em sua capacidade de administrar suas diferentes correntes internas torna praticamente impossível que vá unido ao segundo turno presidencial — ele que não foi unido nem ao primeiro com Ulysses, que, também, abriu mão da sua função de administrador das divergências ao aceitar o veto da maioria à participação da minoria moderada, em sua campanha.